

A EXPRESSIVIDADE DA LÍRICA DE CORA CORALINA – UMA POÉTICA EM MOVIMENTO

Marta Bonach (PUC-GO)¹

Resumo

A escritura poética pinta quadros na memória e encaminha quem lê a pensar e se inquietar com a obra escolhida. Amparo-me nesta premissa para propor, neste artigo, um estudo sobre um poema de Ana Lins dos Guimarães Bretas (Cora Coralina), filtrado no olhar de hoje, desde sua produção, suas particularidades no campo da poesia que enriquece a literatura brasileira. O traçado do valor artístico, do texto poético, que exprime descrições históricas, humana e belezas naturais da terra, com carga poética que enaltece os ermos goianos, a antiga capital de Goiás, com suas pedras, seus becos e histórias mais.

Palavras-chave: Poética, Cora Coralina, memória, história, Goiás.


INTRODUÇÃO

A escritura poética, hodiernamente, tem sido determinada a partir da força de significação, produção emergente de estudos advindos de áreas que produzem na percepção uma explosão de desafios.

A pertinência em conhecer e sistematizar as peculiaridades da trajetória poética de Cora Coralina, instiga-nos produzir esse artigo. A partir de sua escritura poética se pinta quadros na memória e parte do imaginário, para recriar o que é representado pelo signo. A poetisa traça o encantamento entre o eu poético e a obra.

A poética em movimento de Cora Coralina, transitou quase meio século de vida, escreveu, declamou, militou a favor do imaginário, dispôs-se a fornecer pistas ou abrir portas para uma espécie de paradigma (de estilo, de produção, de localismo cultural, etc.). Necessita, pois, uma crítica histórica de (re)construção descritiva da obra, através de uma

¹ Marta Bonach, marthabonach@gmail.com, Mestranda em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás <http://lattes.cnpq.br/8237675942953400>




análise, mesmo que aconteça pelo caminho de pedras, interferências externas, é latente e resiste a morte.

Nota-se a possibilidade de associar áreas de conhecimento, a um período histórico social à condição humana e gerar uma viagem pelas épocas que circulam por espaços diferentes, o convívio cultural voltado para o regionalismo que perpassa por pensamento de homologia do que vem a ser linguagem poética. Remete a intensa relação do eu poético e sua obra em um lugar histórico e ideologicamente marcado, traçando paralelos entre fatos que focalizam memória de vida construída por um conjunto de diferentes vozes. Nesse sentido, o artigo se propõe a realizar um estudo sobre a escritura e texto poético de Cora Coralina. Bem como, a apresentar um olhar mais detalhado representado pela memória, da contista goiana ligada ao modernismo, que abrange sua singularidade, alegoria, particularidade e complexidade no campo da poesia que enriquece a literatura brasileira.

UMA POÉTICA EM MOVIMENTO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Entende-se moderno, como lugar da consciência, da tradição, da ruptura, da reflexividade, tem sido determinado a partir de estudos advindos de áreas do conhecimento como a psicologia, a história, a filosofia que influenciam e alimentam diversos estudos de cunho antropológico, sociológico e histórico.


No ambiente crítico literário, temos forças expressivas das obras, dos vários artistas advindos do meio acadêmico que designa a (re) leitura da obra a partir dos signos. A estes aspectos, somam-se os saberes, a percepção, a fim de desenvolver o processo de comunicação humana diante da obra e da percepção do leitor. Para desenvolver tal análise crítica, requer uma característica interpretativa, peculiar, imbuída de extremo dogmatismo, ondas sonoras, carisma, arte, criatividade, imaginário e outros tantos aspectos que, por vezes, são necessários para um fundamento que permeia a lírica da obra poética de Cora Coralina. Em sua época de gênese, a história social da poética em movimento, obteve horizontes e a partir da pesquisa de investigação nasce novo olhar. Neste sentido, toma-se possível apresentar como temática dissertativa, a expressividade da lírica de Cora Coralina, uma vez que o fazer poético vai se construindo, em sua forma, performance e fluidez. Uma obra de arte que participa duplamente da história social, centralizando o valor artístico do texto lírico, no intuito de explorar os traços poetizados.



As descrições históricas, humanas e das belezas naturais da terra, por referendar a importância e determinação em muitas destas trajetórias, tendo em vista uma produção acadêmica que abarque tal temática, com a carga poética marcada por uma força vinda do coração do Brasil. Nesse sentido, cabe destacar algumas reflexões na liberdade de movimento, expressão e identidade cultural como construção no poema de Cora, no período da modernidade e dotá-los de sentido e significado, expressando as referências sócio-político-culturais inerentes a um dado momento. Baseado nesse estudo, analisaremos a totalidade do conjunto da escritura e imagem, que a obra se propõe em poeticidade, em elementos que constituem o povo, a cultura, a história, a cidade e a natureza, tendo como análise o poema (Minha Cidade) dos Becos e Estórias mais, 1965.


Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
De tuas ruas estreitas, curtas
Indecisas,
Entrando,
Saindo
Uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou aninha (In Poema, dos Becos de Goiás e Estórias mais, 1965)

Não se pode esquecer que a identidade, bem como a diferença, é uma relação social. Palavras como diferença, identidade e multiculturais fazem parte do contexto social e é nessa atmosfera existencial do eu lírico, com seu estilo inconfundível e pessoal, que a poetisa Cora, contadora de histórias e coisas de sua terra, faz referências de temporalidade na apaixonante descrição que se desnuda a um descortinamento do cotidiano da então, Vila Boa de Goiás no poema (Minha Cidade) Faz uma travessia literária, se manifesta em sua linguagem forte lírica a reminiscência das ruas, do amor pela cidade. Nessa obra, bem como o registro teórico do imaginário e um estranhamento poético que não perpassa pelas vias normais, mas pelo simbólico da era moderna. Encontra-se ainda o caráter de “naturalidade” utilizado pelo discurso na defesa da comunidade e suas tradições, nessa comunidade a homogeneidade, precisa ser construída, mas estarão sempre sujeitos a discussão e reflexão. Curtas, indecisas, entrando, saindo uma das outras. O discurso do eu poético na poesia dá vida ao local, a cidade, faz a imaginação criar o espaço geográfico e circular em algo que se entende próprio. Exorta-nos ao lúdico e permite o imaginário invadindo a vida.




Eu sou aquela mulher
Que ficou velha,
Esquecida e nos teus becos tristes,
Contando estórias, Fazendo
adivinhação.
Cantando teu passado Cantando
teu futuro.
Eu vivo nas tuas igrejas
E sobrados
E telhados E
paredes.

Nesse período de tantas incertezas, referendar o fator social histórico e cultural é estender-se ao reconhecimento de elevação e queda, estranhamento e nostalgia da vida anterior e pressentimento da vida futura que se misturam, o excesso de liberdade, e a falta de liberdade ao mesmo tempo, Cora reflete em sua própria escrita, desde quando decidiu ser escritora e permitir-se da palavra e do uso das palavras, reverenciando seu segredo entrecortado por frases, descreve de uma maneira tão leve o envelhecer e dá um mergulho no imaginário, antecipa o salto para o outro lado da margem. Segundo Octavio Paz em sua obra *O arco e a lira*, que bem diz: “O universo está imantado. Uma espécie de ritmo tece o tempo e o espaço, sentimentos e pensamentos, julgamentos e atos, e faz do ontem e do amanhã, do aqui e do além, da náusea e da delícia, uma só tela. Tudo é hoje. Tudo está presente. Tudo está, tudo é aqui. Tudo está em outra parte e em outro tempo. Fora de si e pleno de si. E a sensação de arbitrariedade e capricho se transforma num vislumbre que é todo regido por algo radicalmente distinto e estranho a nós. O salto mortal nos põe diante do sobrenatural. ” p 153. Esse estranhamento é forma do próprio existir, no momento exato que futuro e passado se fundem no poema formando um conjunto de imagens que instiga, permite pensar quando o saber é insuficiente, e oferece um horizonte - o imaginário. Cantando teu passado, cantando teu futuro. Incontáveis (volta ao imemorial) e faz alusão a uma sensação de movimento e fluidez diante desse comportamento metafórico, Cora se apropria da palavra, do signo, do simbólico, do imaginário e a partir dessa apropriação poética, vive em estado de graça com a poesia, como bem disse Drummond.



Eu sou aquele teu velho muro
Verde de avencas
Onde se debruça
Um antigo jasmineiro,
Cheiroso
Na ruinha pobre e suja
Eu sou estas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras,
Eu sou a ramada
Dessas arvores,
Sem nome e sem valia,
Sem flores e sem frutos,
De que gostam
A gente cansada e os pássaros vadios,

O discurso do poema (Minha Cidade) apresenta imagens como se tivesse uma lente ou um instrumento ótico de observação, contracena com a natureza de uma forma singela, porém com movimentos e capacidade de informação visual amplo de simetria e contraste. O eu poético apresenta sua visão sobre a cidade e a natureza, a ausência metafórica de flores e frutos representam a escassez de um ambiente mundano, registrando um movimento disfórico da realidade poética e a sobrecarga de afazeres cotidianos, a dinâmica é uma ilusão e uma forma de dar vida no processo de imaginação e carece de tempo de vislumbramento no espaço geográfico, enquanto pássaros voam livre pelo infinito não se prendem a nenhum fator social e de sobrevivência, vadios. As avencas, em sua singeleza, singularidade, seu frescor, em detrimento ao jasmineiro, que determina a realidade, a grandeza e robustez em forma de planta. Criando uma cena contrastante aquela ruinha pobre e suja. A palavra contada ou nivelada traça o descortinar das cenas da paisagem das ruas de (Minha Cidade), a cidade dimensão maior enquanto a paisagem pinta quadros na memória. As casas cochichando no cenário causa estranhamento, o pasmar diante do registro de uma imagem marcada por um ar de ilusão, como se estivessem entre sonho e realidade, na escritura. De acordo com Octavio Paz: O homem, dizem os modernos, é temporalidade. Mas essa temporalidade quer se apaziguar, saciarse, contemplar-se si mesma, jorra para se satisfazer. O homem se imagina e, ao se imaginar, revela-se. O que nos revela a poesia? ” Octávio Paz, O arco e a lira. 1990 p.165 Eu sou o caule




Dessas trepadeiras sem classe, Nascidas
na frincha das pedras:
Bravias
Renitentes
Indomáveis
Cortadas
Maltratadas
Pisadas
E renascendo

Os objetos observados virtualmente: pedras, trepadeiras, caule, enquanto recursos representam força, movimento, definidas como um estado natural de um ser que sustenta que atrai a visão para a superfície que ele adorna. Passa por momentos onde abrange memória, que apresenta ao contemplador, antecipação no belo natural aquela espiritualização* que só a arte realiza. Como Hegel notara, o espírito das obras de arte integra-se assim num processo englobante de espiritualização, no progresso da consciência. Contudo, ela é legítima enquanto modifica-se historicamente. Coloca-se as pedras no sentido de local, e no sentido do instante em que uma cultura desapareça para que outra surja, como cultura híbrida. Parte do todo obedecendo uma ordem imagética de semas da pedra, sugere elementos da paisagem cheia de significados que evidencia a cidade fecundada e renascendo. O poema é rico em estruturas visuais e sensações, entre a realidade e a imagem e torna-se harmônico, conceitua palavras com camadas violentas no estado bruto, Indomáveis. Cortadas, Maltratadas. Pisadas, E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
Revestidos,
Enflorados,
Lascados a machado,
Lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo
Pastados
Calcinados E
renascidos.

A identidade cultural do eu lírico moderno, reproduz e legitima uma cultura, uma identidade e uma consciência nacional do conhecimento e desconhecimento a partir de




uma regionalização e de um estilo, além das imagens refletidas na descrição, o discurso agora, traduz reflexões e alegorias, contando sobre as durezas dos morros, fecundados pelas dores do mundo mergulhados nas dificuldades e do poder que violenta a humanidade. Possibilita um trânsito cultural indentitário, todavia, se esse aparato tecnológico que nas palavras de Silva (2000) nos permite “viajar as longas distancias sem sair do lugar “junto com a informação, fluxo de valores, costumes, ideias, estilos, comunidade ou grupo nos favorece a homogeneização da identidade cultural. No último bloco do poema esmiúça e revela elementos: lascados a machado, lanhados, lacerados Queimados pelo fogo(seco) único elemento que temos que buscar esquadrinhar, fogo consumidor, tocha olímpica da poesia, e possibilita o discurso do eu lírico voltado às forças naturais, vindas dos ermos goianos.

Segundo Michel Maffesoli em sua obra No fundo das aparências. 1990 p160: “ Ora, como aprender o estilo de uma época, se não for através do que se deixa ver? ” Nesse sentido, a pesquisa se propõe a realizar um detalhamento da escritura do texto poético de Cora. E traçar uma apresentação de valor artístico de seu texto lírico, explorando os traços poetizados das descrições históricas, humana e de beleza natural.

Minha vida,
Meus sentidos
Minha estética
Todas as virações
De minha sensibilidade de mulher,
Têm, aqui, suas raízes
Eu sou a menina feia da ponte da Lapa
Eu sou aninha

No atual período de relações interpessoais das relações de gênero, da memória, individual e coletiva, considerando-se os lugares da fala e suas articulações narrativas que permitem a harmonia, não é possível fechar-se ao outro, aos outros. No movimento contínuo de transformação. Não há divisão de relações históricas e de gêneros e as semelhanças deformadas de imagens do tempo, são harmônicas. Causa o espanto da ruptura suspensa por uma mão invisível e possibilidades da linguagem não expressada na palavra, mas esmiuçada em cada aspecto do fazer poético com argumentação original. Ali o homem é o seu corpo, seus conflitos, sua inquietação, ”Eu sou a menina feia da ponte da Lapa.” e



vive experiências numa realidade concreta que habita a universalidade do outro, que a limita. “Baudelaire dedicou páginas inesquecíveis à formosura horrível, irregular. Essa formosura não é deste mundo: o sobrenatural a ungiu e é uma encarnação do outro. A fascinação que ela nos infunde é de vertigem. O horror nos “corta a respiração”, petrifica, “gela o sangue”. A estupefação ante a Presença estranha é uma suspensão do ânimo, isto é, uma interrupção da respiração, que é o fluir da vida.”

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia** Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fonte, 1998.
- CORALINA, Cora. **Poemas do Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo. Jose Olympio, 1965
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Trad. Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Trad. Bertha Halpern. Rio de Janeiro. Vozes. 1996
- PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1982
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petropolis, RJ. Vozes, 2000
- TELES, José Mendonça. **No santuário de Cora Coralina**. 3 Kelps. Ed Goiania. 2003.

